

êxito, a primeira retirada militar que a História conserva documentada, graças a Xenofonte que descreveu todo esse heroico feito no livro "Anábasis".

A maioria dos estudiosos dessas duas memoráveis manobras épico-militares, "Retirada da Laguna" e "Retirada dos Dez Mil", considera a "Retirada da Laguna" superior à "Anábasis", como obra literária, máxime pela soma de problemas que a nossa "Retirada" enfrentou, bem superior à de Xenofonte. As principais razões apontadas pelos estudiosos, a favor do Visconde de Taunay são: interesse da narrativa e o heroísmo das nossas tropas; descrição da natureza, com escopo na paisagem humana, social e ambiental, particularmente entre o Rio Apa e o Aquidauana; rigor geográfico e ecológico obsessivos nas descrições; emotividade cativante; narração, com bem mais sentimento, das agruras, dos sofrimentos, e dos sacrifícios da nossa tropa do que as contidas na "Retirada dos 10.000".

Finalmente, restaria dizer que a presente apreciação é uma singela, mas fervorosa e comovente homenagem aos militares brasileiros, que imolaram suas vidas em defesa da Pátria e da Bandeira, nas longínquas plagas do Paraguai, 150 anos atrás.



SOLUÇÃO DE CONSULTA FEITA AO Cel BOITEUX SOBRE POPULAÇÃO E EFETIVOS NA ÉPOCA DA GUERRA DO PARAGUAI

Prezado Cel Caminha

Em atenção a sua solicitação referente a efetivos na "Guerra do Paraguai", as informações que posso prestar, dentro das minhas limitadas fontes de consulta são:

- a) Os contidos nas folhas 94, 95 e 105 do meu livro "Aspectos Logísticos da Guerra do Paraguai", apoiados nos Relatórios do Ministério da Guerra, da época do conflito e na edição de 18/11/1934 do "Jornal do Comércio", publicado no Rio de Janeiro.
- b) Volume II, pag. 283 do livro do historiador militar Cel Cordolino de Azevedo: "História Militar do Brasil".
- c) "Dos Anais do I Seminário de História da Guerra da Tríplice Aliança", realizado pelo "Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 2011, cujo o tema referente a Logística foi apresentado pelo Gen Bda R/1 Marcio Tadeu Bettega Bergo. Ele trabalhou, no que se refere aos efetivos com os seguintes dados:

PAÍS	POPULAÇÃO	EFETIVOS	BAIXAS MILITARES	BAIXAS CIVIS
BRASIL	9.100.000	140.000	50.000	10.000
ARGENTINA	1.700.000	30.000	18.000	12.000
URUGUAI	250.000	5.500	3.000	-
PARAGUAI	400.000	92.000	90.000	180.000

Pelo que se constata, a disparidade de efetivos e outros dados referentes ao pessoal militar e civil, são flagrantes. Preferi me fixar no contido no item a) acima. Um fraternal abraço – Boiteux.

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO MINISTÉRIO DA GUERRA NO IMPÉRIO

Parte VII – Gen Francisco e Paula Azevedo Pondé

O Exército em 1861

O exército se achava diminuído a 14.500 praças o que representava cinco sextos da força de 18.000 homens, decretada para o ano financeiro de 1861 a 1867. A força real era o termo médio da que se havia conservado em efetividade durante os últimos três anos. O ministro marquês de Caxias relatava, em 1861, à Assembleia Geral Legislativa que as vagas por conclusão de tempo de serviço, por eximicção e por falecimento, difficilmente poderiam ser preenchidas "pelo produto do recrutamento forçado, e ainda menos pelo concurso de voluntários"; e explicava que, na

"impossibilidade de conseguir por em armas a força que tem sido fixada em anos anteriores, sem sacrifícios para o país, resolve o governo conservar em circunstâncias ordinárias aquela de que absolutamente não pode prescindir e que realmente há três para quatro anos é a que figura no quadro efetivo do exército".

E continuava

"Não tenho a presunção de poder com essa força (14.400 propostas) socorrer a todas as necessidades do país; ela está aquém da precisa para tal fim, mas se os meios para aumentá-la tanto quanto é indispensável para que o serviço se faça sem vexame, não produzem resultados satisfatórios, por mais esforços que se empreguem na execução desses meios, a decretação de uma força irrealizável não passa de uma ficção, não passa de mera formalidade vã e illusória".

O Exército em 13 de maio de 1861 (Relatório do Marquês de Caxias)

Corpos especiais: Estado-maior general: 1 marechal do Exército; 4 tenentes-generais; 9 marechais-de-campo; 16 brigadeiros.

Engenheiros: 8 coronéis; 14 tenentes-coronéis; 20 majores; 1 ajudante; 1 quartel mestre; 1 secretário; 30 capitães; 34 tenentes ou primeiros-tenentes; 68 alferes ou segundos-tenentes. Total 177.

Estado-Maior de 1ª classe - 6 coronéis; 8 tenentes-coronéis; 12, majores; 24 capitães; 24 primeiros-tenentes; 24 segundos-tenentes ou alferes. Total — 98. Idem de 2.ª classe: 12 coronéis; 18 tenentes-coronéis; 24 majores; 24 capitães; 24 primeiros-tenentes; 24 alferes ou segundos-tenentes. Total - 126.

Repartição eclesiástica

4 capitães; 6 primeiros-tenentes; 30 alferes ou segundos-tenentes. Total - 40.

Corpo de Saúde

1 coronel; 4 tenentes-coronéis; 8 majores; 42 capitães; 94 primeiros-tenentes; 20 alferes ou segundos-tenentes. Total - 169. Soma - 639.

Armas

Artilharia: Batalhão de engenheiros - 400 homens, 1º regimento de artilharia a cavalo - com 6 baterias - 817 homens, 4 batalhões a pé com 8 companhias cada uma -

2484 homens, 1 corpo com 4 companhias - 321 homens, 2 corpos de 2 companhias cada um - 344 homens, 4 companhias de artífices - 352 homens. Soma - 3916 homens.

Cavalaria: 8 regimentos com 8 companhias cada um - 3070 homens, 1 corpo com 4 companhias - 311 homens, 1 esquadrão - 160 homens.

Infantaria: 16 batalhões 8 companhias cada um - 12.552 homens, 1 batalhão com 6 companhias - 504 homens, 1 corpo de guarnição com 6 companhias - 502 homens, 5 corpos com 4 companhias cada um - 1690 homens, 4 corpos com duas companhias cada um - 692 homens, 2 companhias - 164 homens, alferes alunos - 60 homens. Soma - 25.437 homens.

Na Campanha de 1851/1852, o governo imperial contratou - contra a opinião de Caxias - tropas alemãs para reforçar o exército e, posteriormente, aproveitá-las para colonização no sul. Coube ao tenente-coronel Sebastião do Rego Barros, ex-ministro da Guerra de 19 de setembro de 1837 a incumbência de contratá-los. Na revista do IHGB, tomo LXXVIII, Alfredo de Carvalho publicou a tradução que fez da obra alemã "Retrospecto da Guerra contra Rosas - Berlim 1854", do Capitão Siber, comandante de uma das companhias das tropas alemãs, que informa:

"Mil e oitocentos homens foi tudo que o Sr. Rego Barros conseguiu, sob as citadas cláusulas contratuais, reunir penosamente em Hamburgo durante os seis meses seguintes à dissolução do exército Holsteinico, urgindo advertir que, da gente engajada, nem dois terços sequer haviam pertencido àquele exército. Pouco a pouco foram constituídas doze companhias, de igual efetivo completo que, ao atingirem cento e cinquenta homens, eram embarcadas".

"As seis primeiras companhias formadas constituíram o batalhão de infantaria, para o qual se contrataram, como major o capitão Schleswig — Holsteinico Von Lemmers, e, como tenente-coronel e comandante, o major Von der Heyde".

Nos códices do Arsenal de Guerra da Corte, hoje, no Arquivo Nacional, encontram-se documentos de embarques do armamento, que vieram para o Brasil com a denominação de ferramentas e que foram desembarcadas pelo Arsenal.

Fortificações

Foram executadas obras nas seguintes fortificações: na fortaleza de Santa Cruz - 9:165\$200; Lage - 316\$000; São João - 6:850\$920; Praia Vermelha - 14:438\$852.

Armamento

Os corpos do exército se achavam irregularmente armados e, em geral, ainda usavam antigas espingardas de pederneira. Alguns, no entanto, já tinham recebido armas Minié, que eram as que melhor tinham provado na última guerra da Europa e que, por essa razão, deviam ser definitiva e geralmente adotadas no nosso exército (relatório do Marquês de Caxias em 1861).

Nas duas qualidades que foram distribuídas por alguns corpos e que existiam nos nossos arsenais, notavam-se adarmes (calibres) diferentes.

"Se a diversidade de espingardas em uso num exército é um mal, o serem elas de diversos adarmes é uma circunstância agravante desse mal, porque, exigindo tais espingardas diferentes munições e peças de

equipamentos especiais, a fabricação e o fornecimento dessas diferentes munições e peças de equipamento, necessariamente serão causas de confusão e enganos nos laboratórios, nos arsenais e na distribuição delas pelo corpos; e daí, poder resultar fatais consequências em qualquer operação de guerra" (idem).

Nessas condições, o ministro determinou que fosse efetuada a regulamentação dos calibres e, quando terminada a substituição das de pederneira, fossem elas recolhidas aos arsenais, separadas e transformadas em de percussão, podendo ser então destinadas à guarda nacional que existia em grande parte desarmada.

Arsenais e Fábricas

Depois de ter funcionado durante algum tempo como estabelecimento de ensaio de confecção de objetos inerentes à pirotécnica militar, em uso no Exército, foi o *Laboratório do Campinho* criado definitivamente pelo § 3º do art. 6º da lei n.º 1114 de 27 de setembro de 1860. A *Fábrica de Pólvora* e os *Arsenais* trabalhavam normalmente. A respeito da *Fábrica de Ferro* de S. João de Ipanema, informava o ministro Caxias:

"A posição topográfica do estabelecimento, a falta de vias de comunicação fácil para ativar a extração de seus produtos; e a concorrência de produtos semelhantes, mais aperfeiçoados e mais baratos, das fábricas estrangeiras, muito atuaram para que a fábrica só correspondesse aos fins da sua instituição. Por isso, resolveu o governo mandar suspender os trabalhos de suas oficinas, convocando ali um pequeno pessoal somente para velar sobre o plantio das árvores e a conservação dos edifícios".

Grande parte do pessoal e de material da fábrica já fora destinada à que se havia mandado estabelecer na província do Mato Grosso, de acordo com o § 3º do art. 7º da lei nº 1042 de 14 de setembro de 1850. Foi mandado para a nova fábrica de ferro o engenheiro Rodolpho Wachneltdt, incumbido pelo governo do estabelecimento da fábrica de ferro que ali havia chegado em 1860; e "pelo mesmo tempo lá chegou também o material, que foi de Ipanema para a nova Fábrica".

NOTAS

1. Vasconcelos, Genserico. *História militar do Brasil*. A campanha de 1851 - 1852, Rio, Imp. Militar, 1922.
2. idem.
3. Vai, cap. Nilo. "Formação do exército brasileiro e sua evolução no século XIX" in: *Rev. do IHGB*, Congresso de História da América, Rio, IHGB, Imprensa Nacional, vol. VII, 1928.
4. Pondé, F. de P. e Azevedo. *Manuscrito da Casa do Trem*, Xerox do Brasil S. A. 1972, pág. 219.
5. Carvalho, Afonso. *Caxias*. 1944.
6. idem.
7. idem.
8. idem.
9. Calmon, Pedro. *História do Brasil*, I vol. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, v. 5 p. 1713.
10. Pondé, F. de P. e Azevedo, obra citada.



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis - Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Acesse os nossos sites: www.ahimtb.org.br e

www.acadhistoria.com.br